

## JUVENTUDE: PRÁTICAS E ESTILOS DE VIDA

FRATTARI, Najla Franco<sup>1</sup>; SOUZA, Dalva Maria Borges Dias de<sup>2</sup>

Palavras-Chave: Juventude, Consumo de Massa, Mecanismos de Distinção.

### 1. INTRODUÇÃO (Justificativa e Objetivos)

O consumo de marcas, etiquetas e griffes encontra-se fortemente disseminado entre os jovens. Ser jovem significa também compartilhar estilos musicais, ídolos, roupas, espaços de lazer, gostos e preferências. O desejo pela posse desses bens implica por sua vez, o desejo de pertencimento, aceitação, status, junto a um determinado grupo. A posse de objetos ditos “de prestígio” agrega, por assim dizer, valor social a um dado indivíduo. Ao mesmo tempo em que expressa a busca por distinção e diferenciação em relação aos demais grupos, que por não terem acesso a tais produtos, tendem a ser percebidos como inferiores e de menor valor social. Tais diferenciações no que condiz aos estilos e preferências podem, por vezes, levar os diferentes grupos a comportamentos discriminatórios, preconceituosos e separatistas. Uma separação tanto simbólica como física, ou seja, a criação de restrições, impedimentos e proibições a qualquer possibilidade de contato entre indivíduos. O que levaria à oposição completa, rejeição, ou mesmo a contextos de violência física entre grupos. É com esta preocupação que este projeto busca compreender a atuação dos mecanismos de consumo e lazer como recursos distintivos entre os grupos de jovens goianienses, bem como perceber a imagem construída pelos grupos socialmente distintos. Assim, por meio do discurso, pretende-se apreender as diferentes percepções e se, de alguma forma, estas diferenciações no que tange aos estilos e a capacidade de adquirir bens socialmente valorizados favorecem em alguma direção o preconceito e a segregação entre indivíduos pertencentes a uma mesma geração. Considera-se de grande importância a exploração deste tema, tendo em vista um contexto de segregação espacial e conflitos que envolvem a juventude brasileira e conseqüentemente goiana. Onde o cercamento cada vez maior dos espaços públicos, difundindo espaços privatizados, exclusivos e restritos, se coloca como um empecilho à vivência social das diferenças. Assim, perceber as imagens construídas e as representações é de grande relevância para o diagnóstico desta questão.

### 2. METODOLOGIA

O método baseia-se em uma análise tanto quantitativa como qualitativa. No que diz respeito à abordagem quantitativa, a pesquisa envolveu a aplicação de questionários nas escolas públicas de diversas regiões de Goiânia, bem como, nas particulares. Assim, buscou-se abranger as diferentes classes sociais. Sendo os jovens considerados na amostra aqueles que nos anos de 2005 e 2006, período de realização da pesquisa, tinham idade entre 15 e 17 anos e que, portanto nasceram entre os anos de 1986 e 1988. A escolha desta faixa etária baseia-se na consideração de que é um momento crucial de formação da identidade do jovem e da elaboração de suas percepções acerca dos demais. Já a abordagem qualitativa tem como foco a realização de entrevistas a partir de alguns questionários selecionados. Além das escolas, os jovens da faixa etária acima descrita também

são pesquisados nos seus locais de lazer. A pesquisa tem como referencial metodológico o método indicado por Pierre Bourdieu. O autor propõe elaborar uma teoria da cultura que seja capaz de apreender as condições materiais e institucionais da produção simbólica (estruturas objetivas). Para isso, considera que o primeiro momento da pesquisa deve ser o da investigação da dimensão objetiva da realidade social. O outro momento é o subjetivista que investiga as representações dos agentes (que se constroem a partir das estruturas) para perceber as cotidianas, individuais e coletivas que têm por objetivo conservar ou modificar as estruturas apreendidas no primeiro momento. Também constitui referencial desta pesquisa o interacionismo simbólico, esta tradição metodológica trata do estudo dos significados subjetivos e das atribuições individuais do sentido. Considera-se que recorrer ao interacionismo simbólico, no lugar de conflitar com a perspectiva de Pierre Bourdieu, pode complementá-la, ao permitir captar melhor os significados subjetivos, sem descurar da perspectiva relacional.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise do material coletado em campo nos permite constatar a existência de espaços segregados nos quais estão dispostos os diferentes grupos de jovens. A reciprocidade na apropriação e utilização de bens de consumo e formas de lazer por parte dos jovens configura a identidade do grupo, ao mesmo tempo em que passa pela elaboração de referências acerca dos demais grupos, constituindo uma hierarquia entre superiores e inferiores. No contexto analisado, observa-se que a questão do uso de marcas constitui uns dos elementos mais significativos no que diz respeito à busca por distinção entre os grupos. Observa-se também, que tanto entre os jovens da elite goianiense como entre os jovens da periferia, o grupo exerce forte pressão sobre os seus integrantes no que diz respeito à conformação de um estilo característico. Embora inicialmente procurem negar as mudanças no estilo, gosto e formas de comportamento em função do grupo, isto logo se evidencia no discurso dos garotos. O consumo de determinados bens, o acesso a locais específicos e todo um conjunto de práticas atuam como esquemas classificatórios, princípios de divisão. Estabelecem as diferenças entre o que é socialmente valorizado e o que não é. Observa-se também, que a busca pela inserção nos grupos legitimamente reconhecidos leva muitas vezes a uma tentativa de copiar o estilo, gosto e as práticas legítimas desses grupos. Tão logo essa tentativa é percebida, os grupos ditos “estabelecidos” procuram reelaborar as suas condutas de modo a diferenciarse ainda mais. Dessa forma, os resultados obtidos nos levam a perceber que as imagens construídas tendem a reforçar o preconceito entre os grupos socialmente distintos. Nas entrevistas realizadas entre os grupos de classe média e alta a percepção acerca dos demais grupos é de modo geral pejorativa e preconceituosa. As imagens são construídas a partir de características comportamentais, físicas e dos estilos percebidos. As características comportamentais giram em torno de um caráter duvidoso, violento, agressivo, de não saber se portar e tratar as pessoas. A questão comportamental é geralmente associada ao baixo nível educacional e cultural, apontando também para a questão da fala, do uso de gírias, palavras erradas e falta de informação. O uso de calças e camisetas largas e surradas, tênis que não é de marca, associados a um aspecto sujo, configuram as percepções acerca do estilo dos jovens das classes mais baixas. O uso de expressões como “malas”, “pé-de-toddy”, “aba-reta”, “maloqueiros”, compõem os discursos acerca dos mesmos. Em outra direção os jovens de classe média e alta são descritos pelos jovens da periferia como “playboys” e “patricinhas”, “bodinhos”, “filhinhos de papai”,

“burguesinhos”, “engomadinhos”. As características comportamentais são na maioria das vezes associadas a um caráter egoísta e esnobe, materialista, superficial e frívolo. O uso de marcas caras e a posse de bens materiais são utilizados como recursos expressivos para reforçar o caráter leviano atribuído aos jovens de elite. O que por sua vez, também expressa a visão carregada de pré-noções. Assim, as semelhanças no que diz respeito aos bens que consomem, o modo como se vestem e os locais que freqüentam tendem a aproximar determinados grupos, enquanto os diferenciam dos demais. Os diversos estilos, os gostos, as roupas, a linguagem constituem princípios diferenciadores entre os grupos pertencentes a diferentes classes. Para utilizarmos uma análise de Pierre Bourdieu, podemos dizer que se estabelece uma luta por reconhecimento no interior do campo da juventude, no qual as diferenças no habitus fazem com que os indivíduos não se reconheçam uns aos outros. Assim, posicionam-se de maneira diversa no espaço social do qual fazem parte. O que implica dizer, que as diferenças no estilo de vida correspondem a diferenças no que diz respeito às posições sociais ocupadas por membros de uma mesma geração.

#### **4. CONCLUSÃO**

Diante do exposto, o que se observa é uma segregação tanto “visível” quanto “invisível” que demarca as posições ocupadas pelos grupos juvenis. A segregação visível é física, espacial, e é responsável pela quase anulação ou inexistência de um convívio entre esses grupos. A segregação invisível é simbólica, não se materializa em muros e grades, atua favorecendo e reproduzindo contextos sociais de discriminação e estigmatização. Neste contexto, o acesso a bens socialmente valorizados funciona como um importante mecanismo no que tange a percepção acerca dos diferentes sociais. De forma que o não compartilhar dos estilos dominantes e valorizados leva a exclusão dos indivíduos e sua classificação enquanto inferiores e desprestigiados.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOURDIEU, Pierre. Alta Costura e alta cultura. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco zero, 1983.

\_\_\_\_\_. Espaço social e Espaço simbólico. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus, 1996.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

#### **FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC**

<sup>1</sup> Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia – Departamento de Ciências Sociais, najlafrattari@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora/Departamento de Ciências Sociais/UFG, dalvaborges@brturbo.com